

Esqueceram de planejar o Distrito Federal e o Entorno - I

Luiz Adolfo Pinheiro – Jornalista e escritor, autor de “JK, Jânio, Jango – Três Jotas que abalaram o Brasil”

Na pressa de se construir Brasília, o governo JK e o de seus sucessores se esqueceram de planejar o Distrito Federal e o Entorno. Só foi planejada a cidade de Brasília por meio do Plano Piloto, nome do projeto do urbanista Lúcio Costa, que venceu o concurso nacional da Novacap para escolha do modelo da nova capital do Brasil. O resultado desse “esquecimento” está hoje à vista de todos. Após 45 anos da inauguração de Brasília, o Distrito Federal é um aglomerado de cidades satélites, condomínios habitacionais e núcleos rurais, enquanto o Entorno virou uma terra-de-ninguém.

Vamos refrescar a memória. JK tomou posse na Presidência da República em 31 de janeiro de 1956, para um mandato de cinco anos, que cumpriu integralmente com liberdade, democracia e grande impulso ao desenvolvimento econômico do Brasil. Em setembro de 1956, ele conseguiu do Congresso a Lei n.º 2.874, que criava a Novacap para construir a nova capital do País, cuja inauguração foi marcada para 21 de abril de 1960.

Terminado o concurso público que escolheu o projeto de Lúcio Costa, a Novacap iniciou a construção de Brasília em novembro seguinte. A ideia

era simples: tocar as obras do Eixo Monumental (onde ficariam os prédios do poder) e do Eixo Rodoviário (onde ficariam as quadras residenciais) ao ritmo de 24 horas por dia, em três turnos de oito horas cada um, sem sábados, domingos e feriados.

Enquanto a nova capital era construída, os seus futuros moradores seriam abrigados provisoriamente em casas residenciais e comerciais de madeira situadas no Núcleo Bandeirante, também chamada Cidade Livre, onde o autor destas linhas quando solteiro viveu algum tempo no Hotel Avenida, na Avenida Central. Quando Brasília fosse inaugurada, a Cidade Livre desapareceria e seus habitantes seriam transferidos para a nova capital, que passou a ser chamada – até hoje – de Plano Piloto, em vez de Brasília.

Uma coisa é a teoria e outra, a prática. À medida que a construção de Brasília avançava, os imigrantes de todos os cantos do Brasil e até do exterior começaram a se dirigir para a nova capital. O censo indicou que os poucos 12 mil e 700 habitantes de julho de 1957 já eram 28.204 em março do ano seguinte, 63.314 em março de 1959 e 141.742 em setembro do mesmo ano.

O presidente da Novacap, Israel Pinheiro, de-

putado federal pelo antigo PSD mineiro, com sua sensibilidade política e social, viu que seria uma fantasia imaginar que essa população iria se localizar na nova capital, pois a maioria não tinha onde cair morto, quanto mais comprar apartamentos ou lotes para construir casas e estabelecimentos comerciais. Engenheiro civil formado na Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto e com especialização na Europa, Israel trazia vasto currículo como tocador de obras em Minas, onde foi secretário de Indústria e Comércio, responsável pela implantação da cidade industrial de Contagem, do Grande Hotel e termas de Araxá, da Escola Superior de Veterinária, escolas, praças de esportes e outras realizações.

Israel fez o que deveria e sabia fazer: chamou os engenheiros e arquitetos da Novacap e determinou que inventassem uma cidade maior que o Núcleo Bandeirante, para ali fixar a população que não parava de crescer. Assim nasceu Taguatinga, em 1958. Para culminar, em 1960 houve eleição presidencial e a população do Núcleo Bandeirante resolveu bater pé: não queria sair de lá, mas urbanizar o local com casas de alvenaria, ruas asfaltadas e tudo o mais que a

tornasse uma cidade de verdade. O governo cedeu, ganhou a eleição no Distrito Federal (único lugar do Brasil em que o marechal Lott derrotou Jânio Quadros...) e o Núcleo Bandeirante, que nasceu provisório, ficou eterno.

Israel Pinheiro foi mais longe. Ao perceber que o fluxo migratório só iria crescer no futuro, tratou de aproveitar as duas antigas cidades goianas que ficaram dentro do DF – Planaltina e Brazlândia – para adaptá-las ao crescimento urbano, o que de fato aconteceu. E organizou ainda a ocupação da vasta área rural do DF, com as primeiras colônias agrícolas que formariam depois o “cinturão verde” da nova capital.

A imigração, entretanto, continuava grande e as primeiras favelas (“invasões”) começavam a se formar em diversas partes do DF. Era preciso continuar a improvisar, já que ninguém havia pensado em planejar o DF e região vizinha. Mas isso já é assunto para o próximo domingo.

■ A segunda parte deste artigo de Luiz Adolfo Pinheiro será publicada na edição do próximo domingo, 10 de julho.